

/ MEMORIAL DE HOMENAGEM ÀS PESSOAS  
ESCRAVIZADAS, LISBOA

/ GRADA KILOMBA

/ O BARCO, 2019

# / GRADA KILOMBA

## I. CV RESUMIDO

Grada Kilomba (1968, Lisboa, Portugal) é uma artista interdisciplinar, com raízes em São Tomé e Príncipe, Angola e Portugal, que vive em Berlim.

Nas suas grandes instalações multimídia, Kilomba explora as questões da memória, trauma, pós-colonialismo: “Quem fala? Quem pode falar? Falar sobre o quê? E o que acontece quando falamos?” são questões permanentes nos seus trabalhos, nos quais a artista cria imagens singulares para desmontar a história suprimida do colonialismo e seu legado traumático - usando uma variedade de formatos, da publicação, à performance, à instalação e vídeo.

O seu trabalho tem sido apresentado internacionalmente em eventos tão distintos como a 10. Bienal de Berlim 2018, Documenta 14 (Kassel, 2017), 32. Bienal de São Paulo (2016), Rauma Biennial Balticum (2016), ou museus, como Bildmuseet, Umeå 2019; Pinacoteca de São Paulo, 2019; Kadist Art Foundation, Paris, 2019; Pavillion of Arts Milano, 2019; e-flux, Nova Iorque, 2019; Fundação Calouste Gulbenkian, Lisboa, 2019; WdW Center for Contemporary Art, Rotterdam 2018; The Power Plant, Toronto, 2018; MAAT - Museum of Art, Architecture and Technology, Lisboa 2017; Galeria Avenida da Índia, Lisboa, 2017, Wits Theatre, Johannesburg, 2017, entre outros.

### EXPOSIÇÕES INDIVÍDUAIS E DE GRUPO - SELEÇÃO

- 2019 VI. Biennale de Lubumbashi, Lubumbashi
- 2019 Bildmuseet, Umeå
- 2019 Goodman Gallery, Londres
- 2019 Pinacoteca de São Paulo, São Paulo
- 2019 Kadist Art Foundation, Paris
- 2019 Solomon Guggenheim, Nova Iorque
- 2019 Alex&Bonin, Nova Iorque
- 2019 Verbier Art Summit, Verbier
- 2019 PAC, Milano
  
- 2018 10. Berlin Biennale of Contemporary Art, Berlim
- 2018 e-flux, Nova Iorque
- 2018 The Power Plant, Toronto
- 2018 Frieze London, Londres
- 2018 Secession Museum Vienna, Viena
- 2018 Maxim Gorki Theatre, Berlim
- 2018 Paço das Artes, São Paulo
  
- 2017 Documenta 14, Kassel
- 2017 SAVVY Contemporary, Berlim
- 2017 MAAT, Lisboa
- 2017 Galeria Avenida da Índia, Lisboa
- 2017 Goodman Gallery, Cidade do Cabo
- 2017 ArtBasel, Basel

### EDUCAÇÃO

- 1998 Licenciatura em Psicologia Clínica e Psicanálise, Instituto Superior de Psicologia Aplicada, Lisboa, Portugal
- 2008 Ph.D., Doutorado em Filosofia, Freie Universität Berlin, Berlim, Alemanha

### LIVROS E CATÁLOGOS

- 2019 „Desobediências Poéticas“, Pinacoteca de São Paulo
- 2019 „Memórias da Plantação“, Editora Cobogó, Rio de Janeiro
- 2019 „Memórias da Plantação“, Orfeu Negro, Lisboa
- 2017 „The Most Beautiful Language“, EGEAC, Lisboa
- 2017 „Secrets to Tell“, MAAT, Lisboa
  
- 2008 „Plantation Memories. Episodes of Everyday Racism“, Muenster, Unrast Verlag
  
- 2005 „Mythen, Subjekt, Masken“, Muenster, Unrast Verlag (co-editor)

### PROFESSORA UNIVERSITÁRIA-SELEÇÃO

- 2008- 2014 Professora Convidada [Guest Professor] na Humboldt Universität Berlin, Departamento Estudos do Género, Berlim
- 2004-2008 Professora Convidada [Guest Professor] na Freie Universität Berlin, Departamento de Ciências Políticas, Berlim
  
- 2017 Academy of Arts Berlin, Berlim
  
- 2016 University of Lagos, Lagos
- 2016 University of Accra, Accra
- 2016 SOAS University of London, Londres
  
- 2015 Oslo House of Literature, Oslo, Norway
- 2015 Academy of Fine Arts Vienna, Vienna, Austria
- 2015 University of Linköping, Linköping, Sweden



Grada Kilomba, O Barco, 2019, Imagem de instalação. Foto de Moses Leo, Cortesia da Artista.

## 2. MEMÓRIA DESCRITIVA DO PROJECTO

### 2.1. TÍTULO E DESCRIÇÃO:

#### „O BARCO“ (2019)

„O Barco“ (2019), estende-se pela plataforma do memorial, como um jardim, formando uma simples composição de bancos, que imita detalhadamente uma „nau com pessoas escravizadas.“

Os bancos de betão, cinza escuro, contrastam com o chão da plataforma, acentuando ao longe a silhueta do barco, assim como o seu conteúdo, os corpos.

A distância entre os bancos de betão cria ‚entradas‘ e infinitos caminhos, quase que um labirinto, convidando o público não só a contemplar „o barco“ de fora, mas também a entrar nele e a caminhar dentro dele - como se se trata-se de um jardim de contemplação e de memória.

O formato retangular e uniforme dos bancos revelam-os, não só como assentos, nos quais o público é convidado a se sentar para olhar, pensar, contemplar, rezar, cultuar e respeitar; mas também os revela como uma alusão a metafóricos túmulos, que dão „habitat“ a uma história de deshumanização, e dão um lugar de descanso e reconhecimento a milhares de pessoas escravizadas.

Para distinguir os simples bancos, dos metafóricos túmulos, estes últimos, serão cobertos por poemas inscritos na sua superfície, dando-lhes o carácter especial. Poemas e dizeres africanos, como: „Não há nada mais doce, do que uma profunda verdade.“ Os poemas interagem diretamente com o público, pois estes têm que ser encontrados entre os muitos bancos, e quase que obrigam o público a se curvar perante eles, para que possam ser lidos. Esta coreografia da contemplação, própria de um memorial.

O carácter minimalista deste memorial, assim como os materiais urbanos como o betão, permitem uma abstracção contemporânea do passado no presente, e assim, uma nova elaboração da história.

## 2.2. JUSTIFICAÇÃO DA PROPOSTA À LUZ DOS TdR E DO CONTEXTO DA OBRA GLOBAL DA ARTISTA

Um barco, no imaginário „português“ é facilmente associado a glória, honra, magnificência e expansão marítima; uma narrativa que glorifica e romantiza o passado histórico colonial, e que apaga um dos mais longos e horrendos capítulos da humanidade - a Escravatura.

As avenidas ao longo do rio, da cidade de Lisboa, estão preenchidas por monumentos e estátuas que confirmam este estado de glória, que se manifesta na essência de um barco.

O que é um barco? Para que serve um barco? O quê e quem é que um barco pode transportar?

Para este memorial em homenagem às pessoas escravizadas, pelo qual estou eternamente grata em ter sido convidada a participar e eventualmente a contribuir, proponho exactamente reconstruir o outro lado do barco, o seu porão. E assim, tornar visível a relação histórica de Portugal com a Escravatura e o tráfico de pessoas escravizadas, que se manifesta tão intensamente num barco.

Tendo em conta a localização deste memorial, frente ao rio Tejo, no simbólico Campo das Cebolas, o barco torna-se também uma dupla metáfora, que interrompe a imagem colectiva da história colonial.

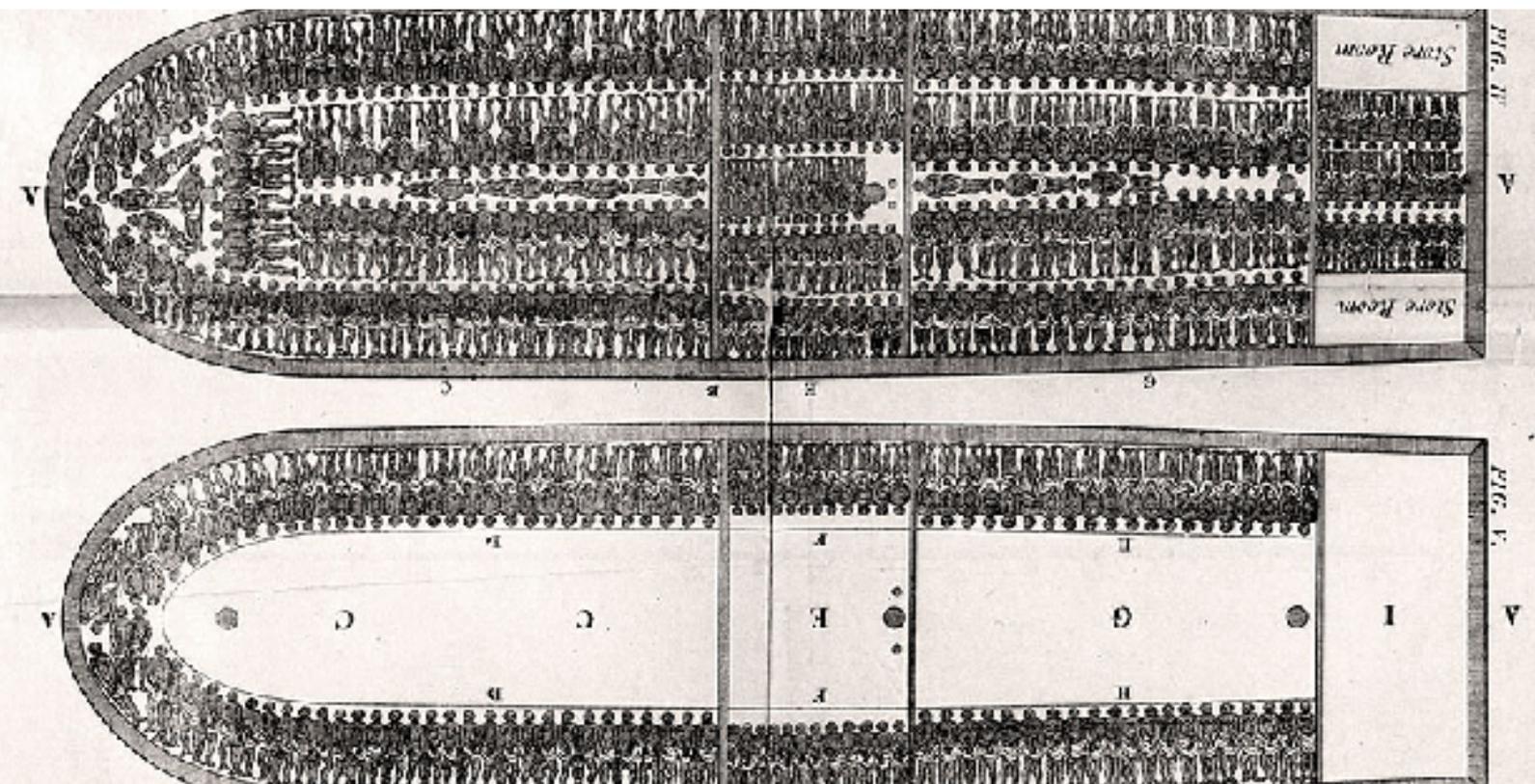
„O Barco“ torna-se assim uma instalação que reconstrói a memória colectiva e que lembra o que não pode ser esquecido. Eu trataria este memorial, como um enterro simbólico, como um espaço físico e espiritual, onde a história é visibilizada, contada e enterrada dignamente, pois só assim se pode produzir memória.

„O Barco“ torna-se assim a imagem de uma história; e através da sua composição de bancos, caminhos e metafóricos túmulos com poemas inscritos sobre a sua superfície, torna-se também um espaço de ritual ou de cerimónia de uma história que tem de ser lembrada e que não pode ser esquecida.

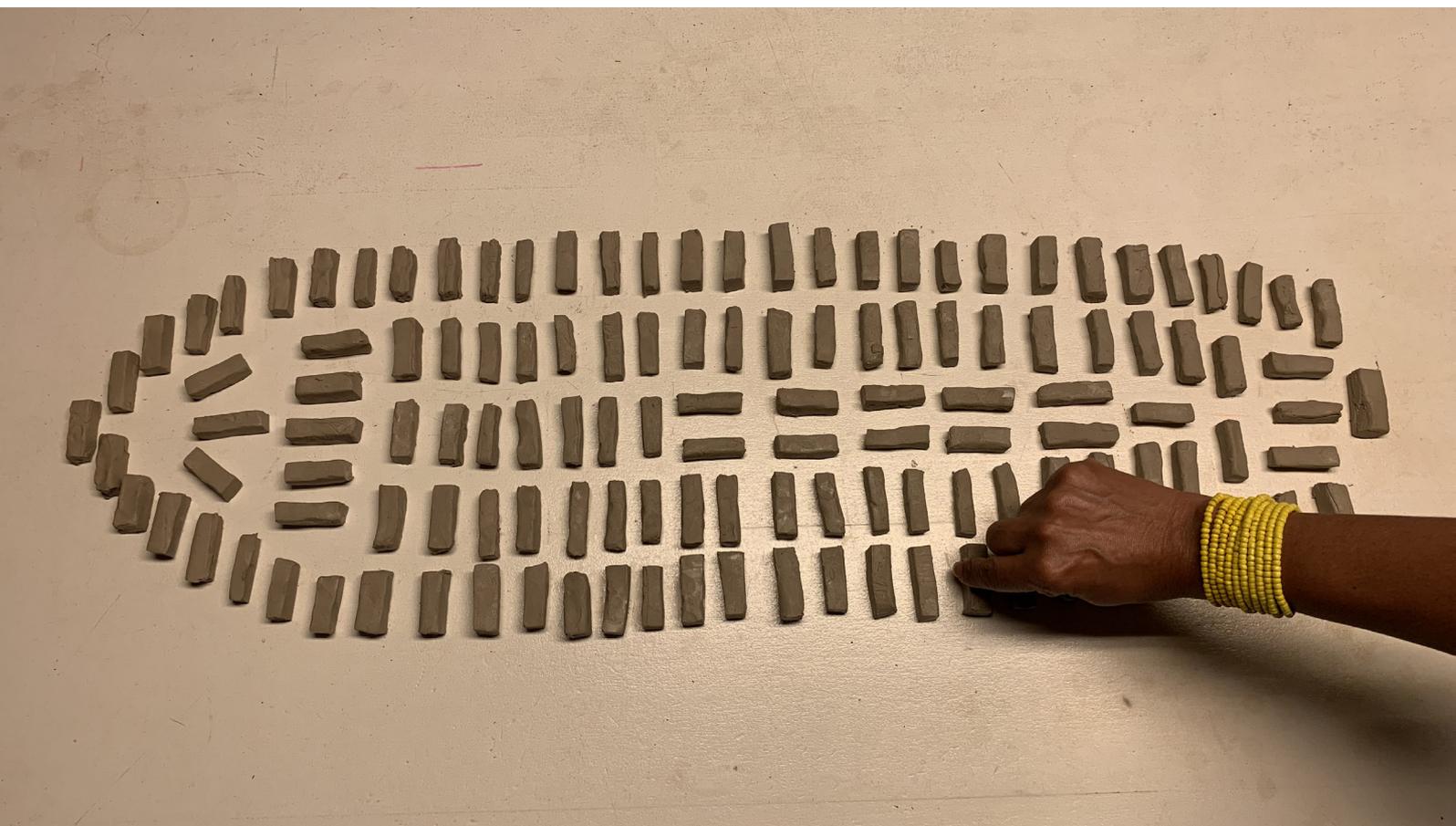
De facto a teoria da memória é uma teoria do esquecimento. Não podemos evitar lembrar e não podemos simplesmente esquecer. A história não é uma ‚coisa‘ do passado, mas sim é a memória que nos permite actuar no presente.

Imagino, „O Barco“ como um espaço público que interrompe o imaginário colectivo, criando caminhos, leituras, imagens, contemplações, rituais, rezas, pensamentos e contemplações, que produzem a memória que muitas vezes nos foi negada, e que produzem a cerimónia necessária para um enterro digno, de milhares de pessoas escravizadas cujos os nomes foram proibidos, cujos corpos foram esquecidos, sem lamnetações, sem enterros, sem choros, sem cerimónias, sem terra, e sem lugar.

## 2.3. DESENHOS OU MAQUETE E PLANTA DE IMPLANTAÇÃO



Grada Kilomba, O Barco, 2019, Imagem de instalação. Foto de Moses Leo, Cortesia da Artista.



Grada Kilomba, O Barco, 2019, Imagem de instalação. Foto de Moses Leo, Cortesia da Artista.

## 2.3. DESENHOS OU MAQUETE E PLANTA DE IMPLANTAÇÃO



Grada Kilomba, O Barco, 2019, Imagem de instalação. Foto de Moses Leo, Cortesia da Artista.

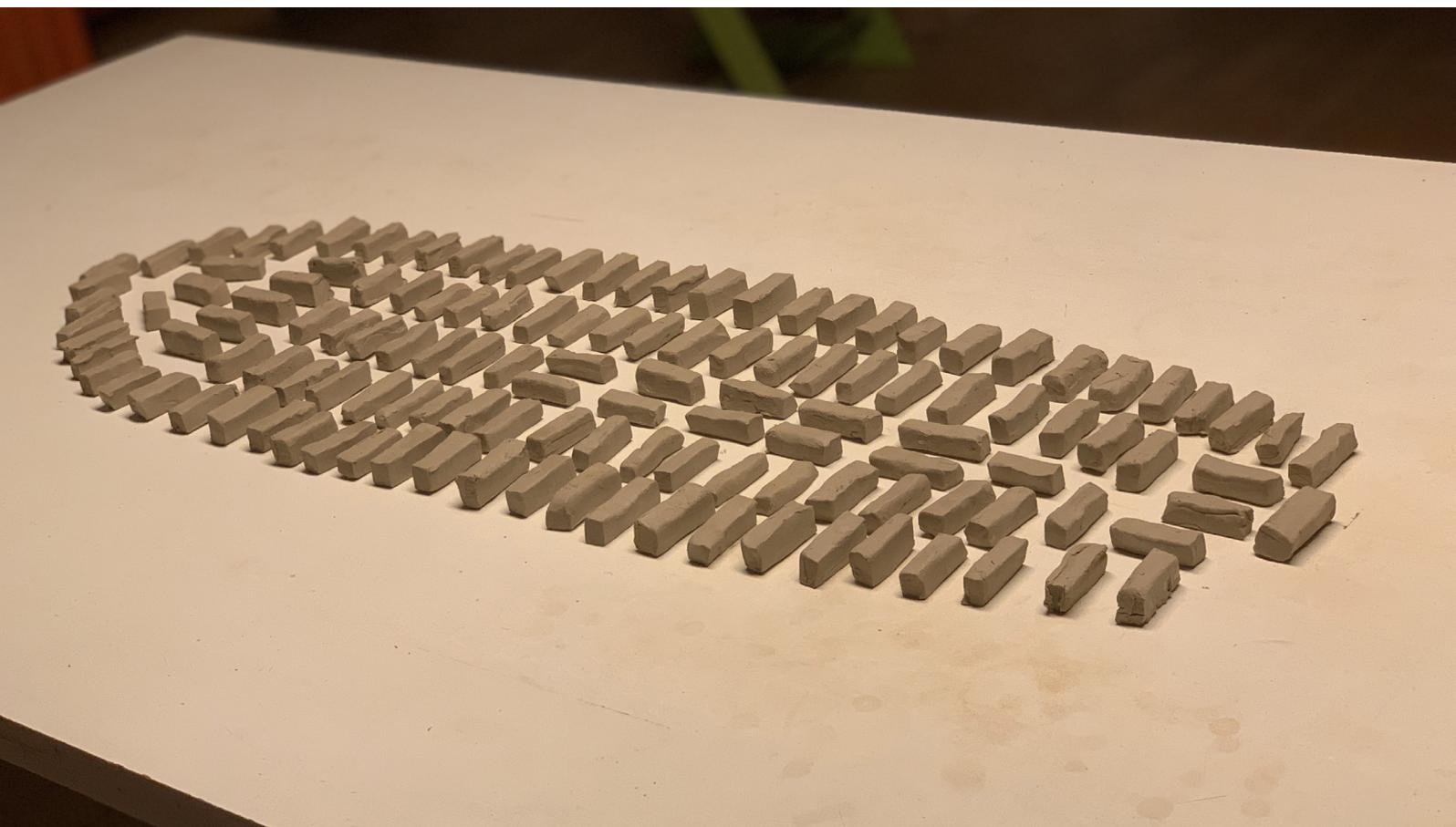


Grada Kilomba, O Barco, 2019, Imagem de instalação. Foto de Moses Leo, Cortesia da Artista.

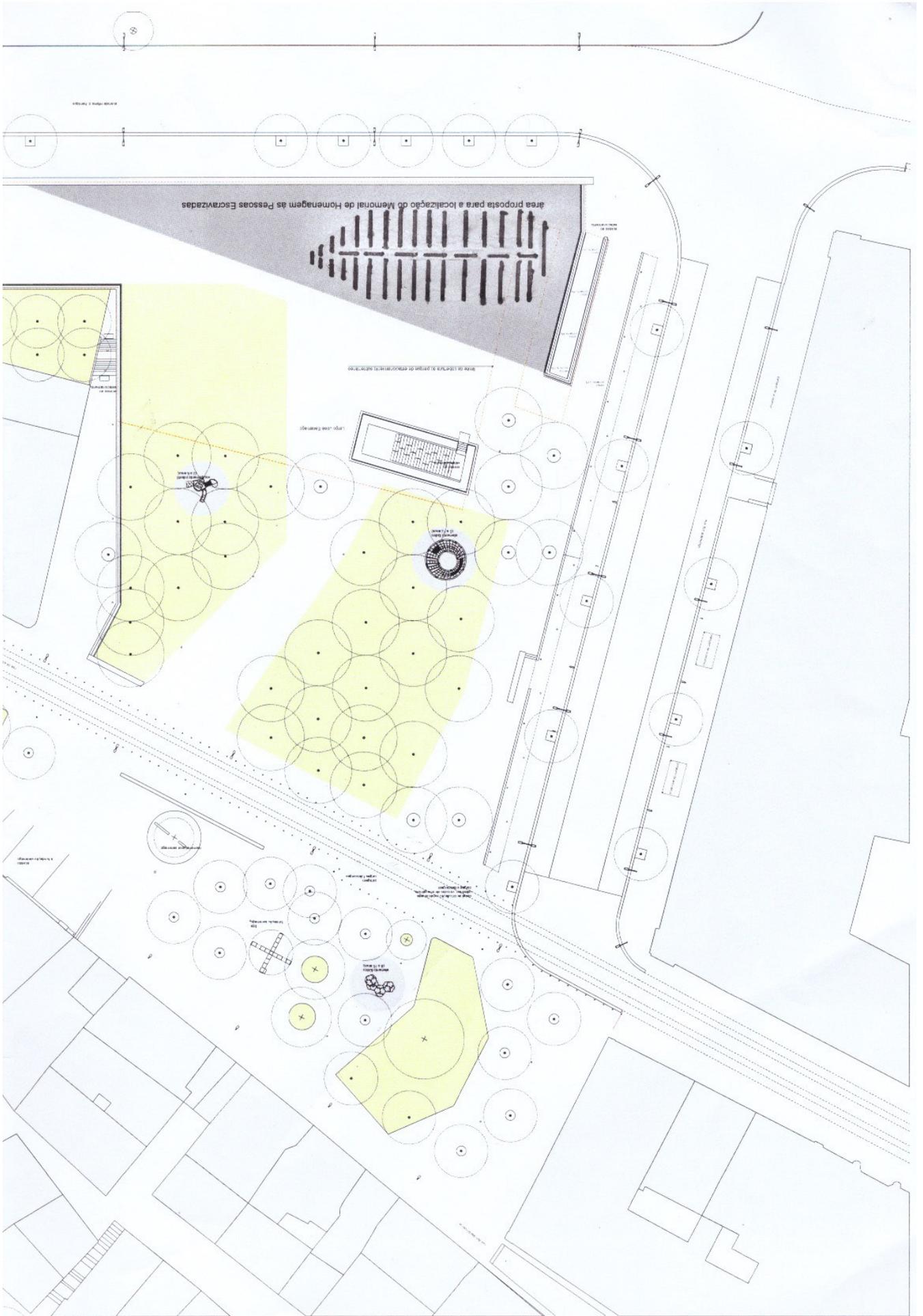
## 2.3. DESENHOS OU MAQUETE E PLANTA DE IMPLANTAÇÃO



Grada Kilomba, O Barco, 2019, Imagem de instalação. Foto de Moses Leo, Cortesia da Artista.



Grada Kilomba, O Barco, 2019, Imagem de instalação. Foto de Moses Leo, Cortesia da Artista.



ANEXO 1 - planta com a área proposta para a localização do Memorial de Homagem às Pessoas Escravizadas

## 2.4. ESPECIFICAÇÕES TÉCNICAS, DIMENSÕES E MATERIAIS



Grada Kilomba, O Barco, 2019, Imagem de instalação. Foto de Moses Leo, Cortesia da Artista.

Material: Betão

Dimensões: 103 x 60 cm

Quantidade de Bancos: ca. 131

Inscrição de poemas: em ca. de 50 bancos

Distância entre os bancos / caminhos: adequada e com livre circulação para cadeira de rodas